

A SOLIDÃO E A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ NA RELAÇÃO ANALÍTICA.

Raul Hartke
Porto Alegre

Inclino-me a comparar sua solidão com um abismo, no qual se aprofundam, sem ruído nem rastro, os sentimentos que os outros lhe ofereciam. Em torno dele reinava *frieza* – e que sensação me invade ao usar essa palavra, da qual também ele se serviu outrora numa ocasião monstruosa. A vida e a experiência podem conferir a determinados vocábulos um acento completamente estranho a seu sentido comum, e que lhes confere um nimbo de pavor incompreensível para todos os que não os tenham conhecido no seu significado mais horrorosa.

Thomas Mann: Doutor
Fausto, 1947

O Novo Dicionário Aurélio de nossa língua portuguesa diz que a palavra “solidão” significa “estado do que se encontra ou vive só; isolamento. Lugar ermo e despovoado. Situação ou sensação de quem vive isolada numa comunidade”. De forma muito semelhante, o dicionário Houaiss a define como o “estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento. Caráter dos locais ermos, solitários. Local despovoado e solitário; retiro. Vasto espaço ermo, sem população humana. Sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado em meio a um grupo social”.

Constatamos, assim, que a solidão pode referir-se tanto a pessoas quanto a lugares. No caso de lugares as características são o isolamento e o vazio, isso é o despovoamento, essencialmente de seres humanos para Houaiss. Quanto a pessoas, a ênfase está mais uma vez no isolamento que, entretanto, pode ocorrer tanto pela ausência real de qualquer companhia humana, quanto na presença de outros. A nota essencial parece-me portanto ser o isolamento. Mas se juntarmos as características relativas a lugares e pessoas, poderíamos pensar que, no caso das pessoas, a solidão

também estaria relacionada a uma sensação de vazio interior, de um espaço emocional interno ermo, despovoado. Em outras palavras ainda, trata-se, quem sabe, de um sentimento ligado à sensação de possuímos ou não alguma boa “companhia interior”. Através da projeção, mecanismo bem conhecido em psicanálise, esse vazio interior pode, ademais, ser externalizado, de um modo tal que o mundo à volta, por mais povoado e receptivo que seja, passa a ser vivenciado como desprovido de significado emocional, afetivamente ermo portanto.

Entretanto, é ainda interessante assinalar que ambos os dicionários consultados referem-se, no verbete sobre a solidão, à expressão “solidão a dois” e, novamente, de modo muito parecido. O Novo Dicionário Aurélio refere-se a um “estado de casados ou amantes que, embora vivam juntos, dir-se-ia viverem sós, por não haver entre eles nenhum entendimento.”

Houaiss, por sua vez, diz tratar-se de um “estado ou condição de duas pessoas (geralmente casadas) que, não obstante viverem juntas, não se entendem nem se comunicam uma com a outra”.

Assim, parece-me que nesse caso da solidão a dois, a questão central é a falta de comunicação e, essencialmente, de *entendimento*.

É possível, porém, facilmente constatar, seja através um trabalho de introspecção, seja mediante uma conversa mais detida com outras pessoas, que, na verdade, é bastante difícil delinear e caracterizar claramente o que é solidão, diferenciando-a, por exemplo, da angústia e da depressão.

Certas pessoas dizem nunca senti-la. Algumas delas, no entanto, parecem claramente ter construído suas vidas de modo a defender-se de qualquer possibilidade de vir a experimentá-la. Evitam, por exemplo, qualquer

forma de dependência de outra pessoa, incluindo aquele que naturalmente sentimos em relação a quem amamos, na medida em que esperamos a retribuição desse mesmo afeto.

Outras, confessam não suportar nenhuma situação em que se encontrem a sós, necessitando, por exemplo, imediatamente ligar o televisor ou colocar uma música ruidosa caso estejam sozinhas em casa.

Há também aquelas que afirmam gostar de estar sós, da solidão, parecendo, no entanto, confundir o fato de apreciar ficar sozinhas com esse peculiar sentimento de vazio interior.

Essa dificuldade para caracterizar, delimitar e expressar verbalmente a solidão parece contrastar com a clareza e profundidade com que imagens conseguem representá-la, bastando, para tanto, lembrar a obra pictórica de Edward Hopper (Lewin, 1980).

Wilfred Bion (1976) considera que a linguagem por nós utilizada deriva sobretudo de nossa relação com objetos inanimados, do mundo material, sendo, conseqüentemente, inadequada para lidarmos com a vida emocional, embora, ao mesmo tempo, seja a única disponível. Em última instância, porém, só podemos realmente apreender emoções vivenciando-as. Depois, para compreender seu significado e comunicá-las a nós mesmos e aos outros, precisamos transformá-las mediante alguma forma de representação baseada em impressões sensoriais. Assim, por exemplo, a dor do luto transforma-se na cor preta, nos sons da Marcha Fúnebre de Chopin, nas formas da Pietá de Michelangelo e assim por diante.

Parafrazeando diretamente Martin Heidegger, no seu ensaio *Qu'est-ce que la philosophie* (1973), considero que "Quando perguntamos: que é isto – a

(solidão)?, falamos *sobre* a solidão. Perguntando desta maneira, permanecemos num ponto acima da (solidão) e isto quer dizer fora dela. Porém, a meta de nossa questão é penetrar *na* (solidão), demorarmos-nos nela ... (p. 211).

Penso que a relação psicanalítica, na qualidade de um espaço possibilitador e concentrador de experiências emocionais a serem investigadas é particularmente propícia para essa cuidadosa penetração *na* solidão.

Essa relação peculiar, como é sabido, envolve um encontro entre duas pessoas, na qual – pelo menos assim eu o vejo – criam-se as condições para que surja e se mantenha uma experiência emocional intensa. Essa experiência emocional, entretanto – diversamente das situações humanas habituais, - não deverá ser nem negada, nem transformada em ação, mas sim, intuída, verbalizada, compreendida e trabalhada com fins terapêuticos. Tais fins terapêuticos envolvem justamente um aumento da capacidade de vivenciar e suportar emoções, sem precisar transformá-las em atos não pensados, formas de vida desmentalizadas, sintomas de ordem psíquica ou psicossomática, etc.

Assim, na medida em que consiste numa relação emocional entre duas pessoas dependente fundamentalmente da comunicação e do entendimento, constitui-se a meu ver, em um local privilegiada para o exame imediato e aprofundado – eu diria que quase microscópio – não só da assim chamada “solidão a dois”, mas de qualquer solidão, assim como das emoções humanas em geral.

Em 1963, justamente no último artigo de toda a sua obra psicanalítica e, segundo seus editores, já às voltas com a morte próxima, Melanie Klein escreveu o trabalho “Sobre o sentimento de solidão”, objetivando investigar

suas fontes mais profundas. Deixa claro que não se refere à situação objetiva de ausência de qualquer companhia, mas sim, do “... sentimento de estar sozinho independentemente de circunstâncias externas; de se sentir só mesmo quando entre amigos ou recebendo amor” (p.341). Denominou-o “sentimento de solidão interior”. Conforme podemos constatar, trata-se de um sentimento muito passível de ocorrer e ser examinado na relação analítica, na medida em que, nelas, duas pessoas estão juntas, buscando comunicação e entendimento e, mesmo assim, uma ou mesmo ambas podem eventualmente experimentar tal solidão interior.

Para Klein, esse sentimento resulta da frustração de um anseio primordial e permanente de comunicação e integração totais com outro ser humano afetivamente importante, e consigo mesmo. Na medida em que tal comunicação e integração absolutas são impossíveis, certo grau de solidão básica é inerente ao ser humano. Afora isso, dificuldades na integração consigo mesmo, isto é, com aspectos pessoais temidos e rejeitados, assim como temores do outro em relação a si, e/ou de si mesmo em relação ao outro, podem originar graus maiores de solidão interior, até chegar a constituir um sofrimento que, em si, motive a procura de uma ajuda terapêutica.

Em contraponto a essa solidão interna, Donald Winnicott, alguns anos antes de Melanie Klein, em 1958, ocupou-se com o que chamou de “A capacidade de estar só”. Trata-se, para ele, de um sinal de maturidade emocional, diferenciando-se tanto do *medo* quanto do *desejo* de estar só. Na relação analítica manifesta-se através momentos mais prolongados ou mesmo uma sessão inteira silenciosa e que constitui não uma resistência, mas sim uma conquista do analisando. Tenho a convicção de que um analista sensível,

em sintonia fina com o clima emocional de uma sessão, conseguirá fazer a distinção entre esse tipo de silêncio e outro paranóide (carregado de uma retração desconfiada), depressivo (devido a uma desesperança), obsessivo (com um tom retentivo), fóbico (ligado à evitação ansiosa de algum tema), ou histérico (relacionado, por exemplo, a um “branco” na mente gerada pela repressão de algum desejo).

Para Winnicott, essa capacidade madura de estar só origina-se bem no início da vida, nas experiências da criança pequena de conseguir ficar só na presença confiante de sua mãe ou algum substituto adequado, antes de perceber-se como um sujeito com vida própria interior, diferenciado do outro presente. Sob tais condições, a imaturidade do ego é compensada pelo apoio do ego da mãe. Com tal apoio, com essa retaguarda mental – e apenas com ela – a criança poderá relaxar, sem precisar reagir às contingências externas ou necessitar ser ativa. Isso lhe possibilitará descobrir por si e para si seus impulsos, necessidades, emoções, apropriando-se deles como algo pessoal. Em outras palavras, como diz Winnicott (1958, 1960), as exigências do id poderão ser incorporadas pelo ego e sentidas então como partes do *self*. Gradativamente, com a integração do indivíduo em uma unidade, com um interior e um exterior, torna-se possível introjetar o ego auxiliar materno e isso possibilitará a capacidade de ficar só sem o apoio necessário da mãe ou de um símbolo seu (Winnicott, 1958, p. 34). Ou seja, a partir de então, essa capacidade irá se basear, conforme diz Melanie Klein, na existência de uma figura interna boa, confiável, isto é, de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo. ‘A’ experiência inicial descrita por Winnicott, constituirá, segundo ele, a “matriz da transferência” (1958, p. 35) na relação analítica. Na medida em

que envolve a capacidade de estar só na presença de outro, constitui também um sentimento ou melhor, uma aquisição que pode ser cuidadosamente detectada e acompanhada na relação analítica. Nesse sentido, a passagem do predomínio da solidão interior ou do temor a ela para a capacidade de estar só na relação analítica constitui um importante critério de evolução terapêutica positiva.

Relatarei a seguir um fragmento de material clínico proveniente de uma análise que, segundo julgo, servirá para ilustrar o sentimento de solidão mas, também, momentos ou esboços da capacidade de estar só.

‘A’ é uma jovem de aproximadamente 25 anos, solteira, inteligente, com curso superior e excelente situação financeira familiar.

É bonita, extrovertida, de compleição pequena, mas harmônica, parecendo fisicamente quase criança. Apesar de toda a situação externa, favorável sente-se permanentemente só e insegura, mesmo rodeada de amizades e pretendentes. Está sempre inquieta, queixosa e por vezes tem crises de ansiedade relacionadas geralmente a situações que vivencia como abandono. Em certos períodos mostra-se mais hipocondríaca, buscando então ansiosamente atenções médicas. Emocionalmente parece uma adolescente inicial e tem muita dificuldade para aceitar quaisquer limites, reconhecendo-se como alguém “muito egoísta”. Teme não despertar nenhum tipo de interesse em ninguém e, quando isso ocorre, crê que será logo desvalorizada e completamente esquecida. Duvida que um casal possa manter o desejo sexual um pelo outro depois de se acostumarem mutuamente, embora deseje muito ter uma relação profunda e estável.

Procura compensar essa insegurança adotando um comportamento sedutor algo infantil, associado a fantasias de ser uma “ninfeta” irresistível para todos os homens e mulheres, incluindo a mim.

Seu pai faleceu há poucos anos. ‘A’ queixa-se que ele parecia não valorizá-la e mesmo quase não tomar conhecimento de sua pessoa, considerando apenas seus irmãos mais velhos. Há pouco tempo atrás, na primeira sessão após mudarmos seus dias de sessões para terças a sextas - feiras ao invés de segundas à quintas-feiras relatou um sonho que, conforme ela e eu compreendemos, ilustra bem esses seus sentimentos, reacendidos em virtude da separação analítica mais prolongada naquele fim de semana:

“Eu era pequena e estava jantando com minha família, na nossa casa na praia. Tento repetidamente falar com o meu pai, mas ele não me ouve nem parece me notar. Saí então correndo de bicicleta pelas ruas escuras e desertas. Estava muito, muito escuro; eu não enxergava nada e poderia me acidentar. De repente o pai de uma amiga me segura e fica comigo até a mãe chegar para me levar para casa”.

O sonho veio acompanhado das seguintes associações:

a) O pai da amiga, que aparece no sonho, é uma pessoa muito carinhosa com seus filhos, mas que ‘A’ e sua família julgam ser “muito bobão”, ingênuo, pouco esperto. E esperteza é algo muito valorizado no seu meio familiar. Pessoas “boas” são frequentemente ridicularizadas principalmente por sua mãe e seus irmãos.

b) Na noite anterior, após sair-se mal em uma prova de um importante e desejado concurso público, foi a um clube e lá, segundo suas próprias palavras, sentiu-se “visivelmente invisível”. A certa altura encontrou um ex-

namorado e o levou para sua casa, apenas porque temia não suportar ficar sozinha.

c) Quando pequenos, na praia, ela e o irmão menor brincavam que eram “maloqueiros” e saíam nas proximidades pedindo esmolas.

d) Lembrou-se de outro sonho no qual seu irmão mais velho, que considera o mais preferido do pai, dizia-lhe: “‘A’, eu sei que tu tens muito ciúme de mim, muito ciúme”.

Considerando o contexto de ocorrência do sonho – o fim de semana analítico aumentado – procurei trabalhar com ela os sentimentos subjacentes ao sonho que teriam a ver com a nossa relação. Assim, por um lado, nossa separação associava-se, na sua mente, aos sentimentos de desconsideração e abandono por parte do pai. Nesse sentido o pai no sonho representava a mim. Por outro, a pessoa que a recolhia na rua escura e perigosa, da mesma forma que eu a acolhia e aceitava no tratamento, era considerada abobada e ridícula. Ao representar assim o homem que a ajudava após o abandono, expressava também sua raiva em relação ao pai e a mim, justamente por esse sentimento de ser deixada sozinha. Tal desvalorização constituía, ademais, uma defesa contra o temor de desejar ser protegida e acabar se desapontando. Por tudo isso, acabava ficando sem poder contar com uma figura paterna interna receptiva e valorizada. ‘A’ disse-me efetivamente temer que eu me deixasse enganar por ela, aceitando-a sem perceber suas tentativas de sedução e sua vontade permanente de criticar-me e me desvalorizar, contando para isso com o apoio da mãe e de sua irmã, que muitas vezes reuniam-se apenas para criticar e rir de pessoas com alguma evidência. Ao mesmo tempo, porém, relatou que, algum tempo atrás, num domingo, havia me visto junto com minha

mulher e minhas filhas almoçando em um restaurante, sentindo inveja por elas poderem estar em minha companhia e percebendo imediatamente dentro de si um intenso desejo de nos depreciar. Relacionei esse seu último sentimento com a depreciação que fazia no sonho quanto ao pai da amiga que era carinhoso com os seus filhos.

Em suma, sentia-se ou sem pai ou, então, com um pai acolhedor, mas depreciado e passível de sedução. Restava-lhe, portanto, a mãe como objeto de proteção e apoio, conforme ocorre no sonho, mas também quanto a ela haviam problemas importantes nesse sentido.

Sua mãe era descrita como uma pessoa que tem “mil coisas simultâneas na cabeça” de modo à nunca dispor de qualquer momento exclusivo para ela, ‘A’, e nem também para seus irmãos. É agitada, briguenta com as pessoas subordinadas e muito preocupada com ascensão social. Mesmo assim, segundo ‘A’, procura estar fisicamente presente com os filhos, embora não consiga prestar atenção e realmente sintonizar com suas necessidades emocionais. Imediatamente desvia o assunto, propõe alguma solução “objetiva”, atende uma das constantes chamadas telefônicas que recebe ou sai para resolver algo. Nesse sentido, sonhou, certa ocasião, que estava com ela no pátio da casa onde residiram quando era pequena, haviam fotos dos filhos penduradas em um varal, mas, quando se aproxima para examinar aquela que seria a sua, não enxerga nada, não vê qualquer imagem. Não obstante, sempre foi muito resistente para examinar esses seus sentimentos quanto à mãe, chegando mesmo a irritar-se quando eu a convidava a fazê-lo, diversamente do que ocorria em relação ao pai. Com o tempo, compreendi que isso se devia ao fato de, fosse como fosse, sentia-la como sua “tábua de

salvação”, aquela que, como no sonho acima relatado, finalmente a resgatava, após ela ter sido temporariamente acolhida pelo pai abobado da amiga. Examinar seus sentimentos de abandono e ressentimento com a mãe representava-lhe correr o risco de afastar-se dela, de perdê-la total e definitivamente não só dentro de si, como também fora, pois, no seu modo de sentir, poderiam acabar brigando.

Sua angustia, inquietação e dificuldade para concentrar-se em alguma tarefa mais específica desapareciam, no entanto, em uma situação muito particular, gradativamente localizada e utilizada por ela como “um tranqüilizante natural” conforme viemos a chamá-la. Isso ocorria quando sentava numa das mesinhas de uma antiga e aconchegante confeitaria tradicional de nossa cidade. Ali, pedia um docinho típico do local, uma xícara de chá e passava longo tempo lendo algo que lhe agradasse ou que necessitava estudar. Na sua descrição do local valorizava o silêncio, a tranqüilidade, o suave cheiro dos doces e a decoração tradicional, pouco modificada ao longo dos anos. Todo esse seu relato sugeria, conforme viemos a conversar, uma espécie de regaço materno acolhedor, calmo e seguro, diferente daquele que vivenciava com sua mãe. Encontrar-se dentro daquele local ingerindo um doce saboroso lhe desperta o sentimento de estar sendo alimentada nos braços de uma mãe confiável. Certa ocasião teve um desentendimento com uma das gerentes do local sendo convidada a retirar-se. Durante algum tempo deixou de entrar lá, mas dava dinheiro a um “flanelinha” para que ele lhe comprasse o doce que tanto apreciava. Sentava-se, então, sozinha e triste no seu carro para comê-lo, agora com avidez.

Deprimiu-se bastante quando a confeitaria foi fechada. Procurou freqüentar outras, modernas e até melhores, mas dizia que lhes faltava algo que só havia encontrado na anterior. Por isso, nenhuma delas lhe despertava aquele sentimento de conforto e segurança.

Na sua relação comigo mostrava-se e se dizia permanentemente insegura quanto à minha capacidade para compreendê-la e, inclusive, quanto às minhas qualificações pessoais e profissionais. Qualquer ruído ou movimento diferente meus eram imediatamente percebidos por ela (apesar de deitada no divã, sem, portanto enxergar-me), despertando-lhe o sentimento de que eu estava com minha mente voltada para alguma outra situação ou pessoa, deixando assim de dedicar-lhe a atenção que mereceria. Silêncios meus mais prolongados eram considerados desinteresse e abandono, mas intervenções minhas mais rápidas e/ou freqüentes tornavam-se, para ela, indícios de que eu desejava desvencilhar-me logo do problema que ela estava trazendo. Reproduzia, portanto, desejos, temores e queixas vivenciadas em relação a seus pais. Desagradava-lhe sobremaneira cruzar com outros pacientes na entrada ou saída de meu consultório. Quando os via saírem e era atendida logo em seguida, reclamava que eu deveria ainda estar com os problemas da outra pessoa em minha mente e, portanto, sem espaço para os dela. Mas se me atrasava alguns poucos minutos, convenciam-se que eu preferia a outra pessoa ou estaria sem vontade de atendê-la. Tudo isso era naturalmente examinado em termos de seus sentimentos de abandono, solidão, isolamento e necessidade compensatória de atenção total e exclusiva. Ficava, porém, cada vez mais evidente que minha tarefa era essencialmente – nessa etapa da análise – acolher e suportar essas emoções suas, ajudando-a a ter uma

experiência de continência e constância que não possuía em seu mundo interno. Vários desses aspectos ficaram, a meu ver, bem evidenciados nos movimentos psíquicos e reações que relatei a seguir.

No início de uma sessão, 'A' contou dois sonhos ocorridos na noite anterior:

“Estou no pátio do meu colégio de infância. Minha mãe e minha tia estão me olhando enquanto estou entrando em uma piscina redonda com um chafariz no centro”.

Ressaltou que sua mãe praticamente nunca ia às reuniões de pais no colégio durante sua infância e mostrou-se então muito hesitante em relatar o segundo sonho, questionando-se como eu iria reagir, se não sentiria repulsa. Finalmente contou-o, entremeando silêncios mais prolongados e com evidente ansiedade:

“Estou muito preocupada porque deixei uma calcinha suja com um corrimento amarelado na casa da mãe do meu namorado e não sei o que ela vai pensar e fazer”.

Mostrei-lhe, inicialmente, que o desejo e, ao mesmo tempo, o medo de relatar esse último sonho envolviam o desejo de ser acolhida e aceita por mim sob quaisquer circunstâncias, experimentando sentimentos bons ou ruins, assim como as crianças necessitam e querem sentir que a mãe as ama de qualquer maneira. Assim, testava-me para ver se isso era possível. 'A' admitiu tanto esse desejo como o temor assinalados. Após um silêncio reflexivo, acrescentou que, sendo assim, o primeiro sonho representaria seu desejo de ser olhada, cuidada, zelada, reconhecendo que, no seu sentimento, isso raramente ocorrera por parte de sua mãe. Disse que a tia presente no sonho

era uma pessoa que lhe dava mais atenção na infância, comparecendo inclusive às festas no seu colégio. Esse tipo de concordância e trabalho cooperativo na relação analítica não era freqüente em 'A'. No geral duvidava e desvalorizava tudo o que eu lhe dizia, afirmando que de nada serviriam “na vida prática”, criticando provocativamente a psicanálise e a mim, mas também temendo que eu me irritasse e a mandasse embora. Levando em conta o contato positivo nesse momento procurei aprofundar um pouco mais a análise dos seus sentimentos presentes nos dois sonhos. Em essência, vimos que o sonho da calcinha envolvia também um desejo (e o temor) de testar o quanto à mãe do seu namorado e sua própria mãe aceitariam sua sexualidade, competitividade e mesmo provocações em relação a elas, na forma, por exemplo, de apropriar-se do filho da primeira delas e, assim, triunfar sobre ela. Vimos, ademais, como esse amálgama de sexualidade e agressividade a levava a sentir frequentemente a vida sexual como algo sujo e repugnante, “nojento”, segundo suas palavras. O corrimento representava, ademais, suas provocações agressivas em relação a mim, isto é, a pessoa para quem estava contando o sonho.

Nos últimos momentos da sessão 'A' permaneceu silenciosa (o que também é raro de ocorrer), mas, o clima emocional era reflexivo, como se estivéssemos ambos, cada qual consigo mesmo, mas na companhia do outro, procurando digerir e absorver o que havia ocorrido na sessão. Ao nos despedirmos, 'A' estava visivelmente emocionada, deixando-me na mente a imagem dela saindo da tradicional confeitaria de nossa cidade após ter vivenciado ali um bom momento de acolhimento, compreensão e produtiva reflexão sobre sua vida emocional.

Na sessão seguinte contou que após sair da sessão foi para sua aula na academia de ginástica, satisfeita e calma. Pouco depois, no entanto, começou a sentir muita fome e, como estava na hora de seu lanche, saiu de carro à procura de um local para comprar frutas. Esteve, porém, em quatro desses locais e em nenhum deles conseguiu comprá-las por sentir-se sempre mal atendida pelos vendedores. Finalmente, já noite, sentindo-se carente e com fome, dirigiu-se à casa de sua mãe (atualmente mora sozinha), pensando inclusive em voltar a residir com ela. Lá chegando, porém, encontrou-a inquieta, queixosa após haver brigado com o jovem que estava namorando. A irmã também havia discutido com o rapaz com quem estava saindo e a mãe a criticava por isso. Tudo isso a deixou muito desapontada e deprimida, irritando-se com ambas. De acordo com suas palavras “fui buscar gasolina e encontrei só poluição”. Desistiu naquele momento do seu plano de voltar a residir com elas, retornando desolada para seu próprio apartamento, onde demorou a conciliar o sono.

Ao acordar, experimentou uma desagradável sensação que já lhe havia ocorrido em muitas outras ocasiões. Na verdade, segundo confessou, em proporções menores, sempre acordava assim. Sentiu-se mal por mais de uma hora, com a sensação de que o mundo e todas as pessoas haviam mudado totalmente enquanto dormia. Por isso, sentia-se como se estivesse sozinha no mundo, “desgarrada” (sic) de tudo e de todos, com uma profunda sensação de isolamento e vazio. Ao sair para a rua, todo o movimento e agitação da cidade nada lhe significavam emocionalmente. Depois, à medida que seus afazeres profissionais foram exigindo sua atenção, praticamente “esqueceu” aquele sentimento que ela própria classifica como “solidão”. No fundo, porém, persistia

certa sensação desagradável, “um ruído de fundo”, conforme lhe sugeri, insinuando-se por vezes na agitação do seu cotidiano.

Esse “ruído de fundo” foi detectado, trazido à tona e examinado na sessão daquele dia. Compreendemos que, após ter se sentido acolhida e compreendida na sessão do dia anterior não conseguiu manter essa experiência dentro de si e guardá-la como algo que pudesse acompanhá-la após nossa despedida. Por isso, sentiu novamente um vazio interior, que confundiu com fome, da mesma forma que em tantas outras ocasiões. Além disso, frustrou-se com todos os vendedores de frutas porque procurou neles, e obviamente não encontrou, o tipo de atenção que havia recebido de mim e conseguido aproveitar na sessão. O mesmo ocorreu ao chegar à casa de sua mãe. Após tudo isso, a solidão a deixou com dificuldade para dormir, pois, dormir envolve, entre muitos outros aspectos, recolher-se e voltar-se para dentro de si mesma, necessitando, para tanto, da sensação de possuir boas companhias interiores e não um vazio angustiante ou, inclusive, más companhias internas. Relacionei tudo isso também com o seu sentimento de “desgarramento” ao acordar. ‘A’ concordou e senti que, nesse momento, estava em contato com esses seus sentimentos. E mais: embora eles lhe fossem muito dolorosos, aliviava-se com poder expressá-los para alguém e sentir-se compreendida. Lembrou-se e começou a falar, emocionada, de suas sensações numa viagem para o Rio de Janeiro, a passeio, ocorrida alguns dias antes:

“Eu me senti desconfortável já no avião. Imaginava aquela coisinha no meio do espaço, debaixo de ventos, do frio e de toda aquela pressão. Senti que nós ali, passageiros, éramos naquele momento, os seres mais vulneráveis da

terra. Nessas horas parece que nunca vou conseguir ter filhos, família, que vou ser frágil demais para tudo isso. Aí precisei me proteger na minha irmã, que estava ali comigo, falando com ela como uma criança. Mas ficava pensando nos problemas que tenho que enfrentar no trabalho, que serei infeliz junto ao meu namorado, que um dia minha mãe vai morrer ou pode ir embora, que o avião poderia cair e que outras pessoas ali poderiam ter uma vida mais aconchegante que a minha. E isso me doía muito. Eu sou muito nervosa e assustada; tudo me assusta. O pai morreu muito cedo e isso é difícil de suportar. Sinto que isso me prejudicou muito. Quando nós chegamos lá no Rio acabamos ficando só às voltas com comida. Eu havia me posto um limite quanto a mascar chicletes, porque o médico me disse que estava me deixando com gases e cólicas. Mas aí não consegui me controlar com tortas, chocolates, comida. Eu me sentia muito só, longe daqui, de ti e com medo que um dia tu não queiras mais me atender, que eu não possa mais pagar o tratamento, que tu morras. É horrível ... Não sei como nem porque, mas ao mesmo tempo me alivia e me dá mais segurança poder falar tudo isso”. Ficou então em silêncio e percebi que algumas lágrimas lhe escorriam pela face. Associei o chafariz do sonho no pátio do colégio com essas lágrimas e me dei conta de que estava ali naquele momento na mesma situação que ela havia colocado sua mãe e sua tia no sonho: olhando-a com cuidado e atenção. Disse-lhe então apenas o seguinte: “A gente se sente confortado e mais seguro quando se sente olhado”. ‘A’ fez novo silêncio e, depois de certo tempo disse apenas: “sim”. Novamente ficamos em silêncio, até o final da sessão, uns cinco minutos depois. Acho que mais uma vez, por alguns minutos, ‘A’ estava sendo capaz de estar só na

presença de alguém, tudo isso por sentir-se, naquele momento, em boa companhia.

Todo esse relato constitui um diminuto recorte de um difícil e complexo tratamento. Ilustra, a meu ver, o tema da solidão e, também, esboços ainda muito evanescentes da capacidade de estar só. Indica, além disso, que ainda teremos muito trabalho pela frente antes que 'A' consiga estabelecer com maior segurança e persistência um relacionamento interno com um objeto bom, continente, que lhe permita sentir-se confiante, segura e bem acompanhada internamente quando sozinha, quando junto com outras pessoas, quando viajando, dormindo, acordando, trabalhando, enfim, vivendo.

REFERÊNCIAS

Bion, W. (1976). La Evidencia. In: *Seminários Clínicos y Cuatro Textos*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1992.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. (2001). Rio de Janeiro: Objetiva.

Heidegger, M. (1955). Qu'est-ce que la philosophie? In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1973.

Klein, M. (1963). Sobre o sentimento de solidão. In: *Obras Completas de Melanie Klein*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Levin, G. (1980). *Edward Hopper: The art and the artist*. New York, London: Norton & Company and Whitney Museum of American Art.

Mann, Th. (194). *Doutor Fausto*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa. (1986). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Winnicott, D. (1958). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.